

**NA BELLE ÉPOQUE: O PROMETEU NA AVENIDA CENTRAL E A
PANDORA NAS FAVELAS.**

(AS CONTRADIÇÕES DOS BELOS TEMPOS)

Yuri Mourão Falcão¹

RESUMO

Neste artigo, analisaremos um período bastante demonstrativo da modernidade do início do Século XX: a Regeneração. Populações arrancadas de suas moradias, habitações destruídas pela força de um processo “modernizador”, analisamos, através da Regeneração do Rio de Janeiro, com a construção de Bulevares franceses, palácios, jardins, as contradições da Belle Époque. Para isso, usaremos a imagem mitológica de Prometeu, associando-a à modernidade.

Palavras-Chave: Belle Époque – Modernidade – Contradição – Prometéica.

INTRODUÇÃO

Existe um tipo de experiência vital – a experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

Marshal Berman¹

Refletir sobre a modernidade é pensar a humanidade imersa numa experiência que tornou-se vital desde o Séc. XX. A grandiosidade dessas transformações – talvez as mais drásticas, pois alterou noções tão basilares como o tempo e o espaço – avizinhou continentes distantes, massificou produção e consumo, inseriu culturas em outras, enfim, realizou uma infinidade de pequenas e grandes modificações. Pensar a modernidade como experiência vital, é analisar a história de todo um século, com o surgimento de elementos que, nas sociedades atuais, acupam a posição de fundamento. Por isso a enorme dificuldade do tema.

¹ O autor cursa Licenciatura em História na Universidade Federal do Ceará.

A citação inicial, de Marshal Berman, não é um verbete para a modernidade. Não buscamos uma citação que a definisse, pois sabemos que seu significado não cabe em um verbete, por mais longo que seja. Mas essa citação nos despertou curiosidade, pois as concepções de modernidade demonizam-na ou santificam-na. Porém, Marshal Berman nos mostra a modernidade como uma experiência vital, que tem seus perigos e suas virtudes. Seu livro busca em autores do século XIX um modernismo com o qual muito temos o que aprender. Não é, portanto, a crítica vazia da modernidade como uma aberração a ser destruída. Mas trazer de volta esse sentido à modernidade.

(...), à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.²

Mas não nos enganemos; não é a proximidade com o Séc. XIX que tornará o nosso objeto, a Belle Époque, menos contraditório que a atualidade. A modernidade desvirtuou-se, ou antes, foi desvirtualizada. Seja durante o Séc. XIX, seja durante o XX. Mas num processo difícil de apreendermos. Não buscar uma gênese da modernidade é também não buscar causas para as suas contradições, pois isso ultrapassa, e muito, as possibilidades desse artigo. Mas resta-nos como fato as contradições dessa modernidade, e a partir disso, propomos algumas reflexões. E o período escolhido para este texto, a Belle Époque, é fértil para reflexões sobre o advento dessa experiência vital e ambígua.

A MODERNIDADE PROMETÉICA E PANDÓRICA

Comparações podem ser perigosas, ainda mais quando elas correm o risco de tornarem-se anacrônicas. Mas a citação inicial deste texto, de Marshal Berman, lembrou-nos o mito de Prometeu. Respeitamos o contexto do mito, a linguagem, as interpretações, mas comparar sempre nos proporciona o instrumento que nos permite criar uma imagem para explicarmos nosso ponto de vista. E o Prometeu acorrentado é uma imagem forte, e uma metáfora pertinente para a modernidade. Usando o mito, temos dois argumentos importantes: o primeiro é a possibilidade de termos uma

alegoria para a modernidade, e o segundo é sermos subversivos. Como? Usarmos uma imagem antiga para representar o moderno não é declarar que a modernidade deve ser acabada, mas frear apenas o seu discurso dissolutor. Na busca pelo mito, encontramos muitas representações com diferenças enormes, portanto, decidimos não descrevermos o mito, mas apenas os elementos comuns a todas essas representações.

Prometeu viu na terra as sementes dos deuses; potências criadoras. Modelou os homens com o barro, e ensinou-lhes habilidades, desenvolvendo suas potências. Mas faltava-lhes o fogo para poderem, finalmente, dominar o mundo. Ao entregar-lhes o fogo, Prometeu despertou a ira dos deuses. Estes enviaram para a humanidade Pandora, e sua caixa com vários malefícios. Agora a humanidade teria de viver com doenças, privações, e todo o tipo de malefícios. Depois disso, os deuses buscaram Prometeu e o acorrentaram no monte Cáucaso. A pena era passar a eternidade tendo o fígado devorado por uma águia, pois como Prometeu era um Titã, seu fígado tinha a característica de regenerar-se. Muito tempo se passou até que Héracles, em algumas interpretações Hércules, libertou Prometeu de seu cativeiro. Mas os deuses não o deixaram impune. Agora Prometeu levaria um anel com uma pedra do Cáucaso, para nunca livrar-se totalmente de sua pena.

A humanidade é, no mito, de criação dupla: Prometeu vê as sementes divinas e modela a humanidade. Portanto, Prometeu forma essa humanidade, mas isso só é possível pela existência das sementes divinas. Essa humanidade é cria dos deuses e de Prometeu. Na mitologia, todos os elementos têm ligação. Para a nossa comparação, todos os elementos – Prometeu, os deuses, e a humanidade - representam de alguma forma a modernidade.

Prometeu ensina à humanidade habilidades; podemos comparar esses ensinamentos de Prometeu à essa humanidade recém criada às modificações revolucionárias no saber técnico-científico de finais do século XIX e início do século XX. Esses ensinamentos e o fogo ofertado à humanidade por ele são esse aparato tecnológico da modernidade, mas também o discurso modernizante. Pois a modernidade incentiva a tecnologia com seu discurso progressista, mas que, dialeticamente, reformula-se, expande-se através dessa mesma tecnologia em eterno avanço. E o fogo é importante. Instrumento; permite ao homem modificar seu meio, e é

a chave para a mudança constante. Discurso; é a sagração da mudança no mundo terreno.

Para concluir nossa comparação, citarei uma passagem de Marx, na qual ele fala das contradições da vida atual (moderna), contida no livro de Berman:

De um lado, tiveram acesso à vida forças industriais e científicas de que nenhuma época anterior, na história da humanidade, chegara a suspeitar... Em nossos dias, tudo parece estar impregnado do seu contrário. O maquinário; dotado do maravilhoso poder de amenizar e aperfeiçoar o trabalho humano, só faz, como se observa, sacrificá-lo e sobrecarregá-lo. As mais avançadas fontes de saúde, graças a uma misteriosa distorção, tornaram-se fontes de penúria... Até a pura luz da ciência parece incapaz de brilhar senão no escuro pano da ignorância.³

Os deuses seriam nessa nossa comparação, por exemplo, o oposto do maravilhoso poder de amenizar a aperfeiçoar o trabalho humano que têm as máquinas, realizando, ao contrário, como se observa, o sacrifício e o sobrecarregamento do trabalho. Prometeu seria, por exemplo, a pura luz da ciência, ou seja, as benesses da modernidade. Os dois seriam, portanto, as duas faces da modernidade. A humanidade viveria com as potências que Prometeu despertou, mas também viveria com os malefícios da caixa de Pandora. Essa humanidade, filha dos deuses e de Prometeu, é a síntese desse processo dialético; a modernidade.

Façamos uma reflexão: A libertação total de Prometeu é libertar a humanidade dos malefícios da caixa de Pandora. Nosso Prometeu, modificando o final da história, não está liberto. Será, então, que o nosso Prometeu levará para sempre o anel com a pedra do Cáucaso?

BELOS TEMPOS, TEMPOS AMBÍGUOS

De meados dos anos 1890 até a grande guerra, a orquestra econômica global tocou na clave maior da prosperidade... o enriquecimento baseado no crescimento explosivo dos negócios formou o pano de fundo do que se tornou conhecido como ‘os belos tempos’ (Belle Époque)⁴.

Ao estudarmos a Belle Époque, deparamo-nos com situações que nos proporcionam muitas reflexões. Um país recém egresso do Império e da escravidão, com um produto, o café, que faz a fortuna no Sudeste, uma população negra buscando adaptar-se a essa nova vida de “liberdade”. Um período de adaptação, afinal. Mas não só à nova situação política, agora sob a égide da república, nem à essa nova “condição de livres” das populações antes escravizadas, agora habitantes das cidades. Era a adaptação à essa nova “orquestra”, ao seu ritmo. Buscar um instrumento era o objetivo dessa burguesia emergente em busca de parâmetros. O novo século avizinhava-se como o rompimento com os grilhões do Império, com a mentalidade conservadora, e celebrava o ingresso do país no grande espetáculo que a Europa e os EUA mostravam ao mundo. E foi a busca por parâmetros novos, que superassem um tempo de escuridão (Império e Escravidão), por parte das novas elites brasileiras, e esse grandioso espetáculo das nações do Norte apresentado ao mundo que criaram a fórmula para que os ponteiros do país fossem acertados com esse novo modelo de civilização. Para essas elites, era como se a implantação do Regime Republicano implicasse na negação de todo o passado do país, e a busca por novos ares que não tivessem o cheiro de escravidão e do “Antigo Regime” desembocasse naturalmente na Europa. E aqui é a questão central desse período, pois essa busca pela civilização – representada acima de tudo pela Europa – negava a situação sócio-econômica do Brasil. A modernidade, com seu discurso progressista, foi incorporada a vida brasileira. E, nesse contexto, ela é necessariamente ambígua. Carros, eletricidade, rádio, bondes, cinema, remédios, telefone, telegrafia sem fio, aviação; essas aquisições somente eram possíveis às elites. Porém, e isso é o mais demonstrativo dessa negação da realidade brasileira, não é somente a questão da aquisição desses bens num país com a grande maioria da população formada por pobres e miseráveis, mas o discurso modernizante que elevava à glória esses novos homens que dirigiam seus automóveis em ruas totalmente impróprias para tal, ou que buscavam na Europa um padrão de comportamento que imitavam com requinte e pompa. Esse discurso modernizador, nesse contexto era necessariamente excludente, pois, repetindo, a grande maioria da população não tinha acesso à essa “modernidade”.

Não vamos enumerar os aspectos do cotidiano do povo que mudaram durante a Belle Époque, pois são muito vastos . Vamos deter-nos num período bastante significativo de todo esse discurso modernizante das elites: a Regeneração.

O Rio de Janeiro, como capital da República, buscava mudanças, ou melhor, suas elites que queriam transformar sua cidade e a si próprias numa extensão da Civilização (Europa). Para isso, foi elaborado um plano em três dimensões: modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana. Aos três responsáveis, respectivamente, Lauro Muller, Oswaldo Cruz e Pereira Passos, foram dados poderes ilimitados, ou seja, nenhuma ação judicial era válida contra os seus projetos. Eles voltaram-se, obviamente, para os casarões do centro da cidade, pois lá estavam as populações pobres, e a sua existência era um risco à saúde pública, dificultava o trânsito numa cidade moderna e porque cerceavam o acesso ao porto. Iniciaram-se, então, as demolições dessas habitações. Para os atingidos, essa era a ditadura do “bota - abaixo”, pois essas pessoas não receberam indenizações e nem foram realocadas. O que restava era pegar seus poucos pertences, juntar madeira de restos de caixotes dos portos, e montar nos morros suas “habitações”. Começava, então, a disseminação das favelas. Além de se acumular nas favelas, essas populações o fizeram em cortiços, “zungas”. A administração central viu nisso a continuação do risco sanitário à cidade, por isso voltou contra elas novamente. Para a erradicação maciça da varíola, a administração criou verdadeiros batalhões de “visitadores”, que, acompanhados da força policial, invadiam as casas a pretexto da vacinação. Se encontrassem ali sinais de perigo sanitário, essas populações eram evacuadas e o zunga, o barraco, eram demolidos, e seus moradores não tinham direito à indenização. Isso foi a gota d’água. Populações se revoltaram contra os visitadores e as tropas policiais, dirigiram-se ao centro da cidade onde as obras de regeneração da cidade eram realizadas. Entrincheiraram-se entre as valas, tomaram ferramentas de trabalho como armas, e enfrentaram as tropas policiais. Marinha, Exército, Polícia, foi necessária a junção de todas estas forças, não esqueçamos da força da opinião pública burguesa, que via nessa revolta a demonstração mais patente de barbarismo, ignorância, para os vencerem. Teve início a repressão; qualquer pessoa que fosse pega no centro da cidade, e que não pudesse comprovar residência e emprego fixos, era detida. Isso, obviamente, incluía quase toda a população pobre. Os detidos eram levados a Ilha de Cobras, onde eram espancados e amontoados em navios para a Amazônia, onde, a pretexto de servirem como mão-de-obra para a extração do látex, eram despejados em meio à selva, sem qualquer tipo de auxílio, onde desapareciam.

A regeneração completou-se em 1904. Seu marco foi a inauguração da Avenida Central, com suas fachadas em *art nouveau*, de vidro e mármore, e com a iluminação dos modernos lampiões elétricos, e as vitrines de lojas de artigos finos importados. Os homens vestiam seus trajes *smart*, no rigor inglês, e as damas vestiam as modas francesas. Como corolário da regeneração, liam isso no mais amplo sentido do termo, as pessoas não se cumprimentavam mais à brasileira, mas repetindo: “Vive la France!” Para encerrar a celebração da Civilização no centro do Rio de Janeiro, as pessoas que não estivessem devidamente trajadas, e isso indica toda uma indumentária que homens e mulheres pobres não podiam possuir, eram expulsas⁵.

Da modernidade, os males de Pandora eram os únicos que atingiam essas populações. Para as elites, o seu Prometeu vestia linho inglês, cartola, e desfilava na Avenida do progresso com sua imagem refletida nas vidraças.

CONCLUSÃO: MODERNIZAR É A LEI

Uma passagem do manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels demonstra bem o período, e não só ele...

A burguesia não pode sobreviver sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, e com eles as relações de produção, e com ele todas as relações sociais (...) Revolução ininterrupta da produção, contínua perturbação de todas as relações sociais, interminável incerteza e agitação, distinguem a era burguesa de todas as anteriores.⁶

Uma modernidade inalienável do aparato científico – tecnológico, pois a modernidade incentiva o desenvolvimento da tecnologia, com seu discurso progressista, mas que, dialeticamente, reformula-se, expande-se através dessa mesma tecnologia. A sociedade moderna precisa modificar constantemente seus instrumentos de produção, pois o seu domínio é *ad infinitum*... A modernidade é a grande permanência, mas cheia de rupturas, porque, nessa relação dialética, a tecnologia modifica constantemente seus elementos, introduzindo na vida das pessoas instrumentos que sempre superam os anteriores, alimentado pelo próprio discurso modernizante. A modernidade é uma espiral, sempre crescente, seguindo a lógica da superação...

Modernidade inseparável da burguesia. Ela modificou rapidamente as forças produtivas, e tornou global, num processo extremamente veloz, a sua cria. Construía-se, assim, essa experiência que se tornava, à rapidez de seus próprios inventos e no afinar de seus discursos, vital.

Voltando à nossa história; o Prometeu não foi totalmente libertado, e os malefícios de Pandora ainda estão soltos no mundo. Então, a pedra do Cáucaso desintegrar-se-á ou será necessário removê-la?

NOTAS

¹ *Tudo o Que é Sólido Desmancha no Ar – A Aventura da Modernidade*. BERMAN, Marshal. Companhia das Letras, 11ª reimpressão, São Paulo, 1994.

² *Ibidem*, pág. 41.

³ *Ibidem*, pág. 45.

⁴ *História da Vida Privada no Brasil – da Belle Époque à Era do Rádio*. Vol.03. SEVCENKO, Nicolau. Org. NOVAIS, Fernando. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

⁵ *Ibidem*, págs. 28-29.

⁶ *Manifesto do Partido Comunista*. MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. Editorial BoiTempo, São Paulo, 2005.